

← nº 3 de Chopin. Pimenta Bueno reconhece. Faz-se-lhe luz. Afinal, por portas travessas, era uma batida de Chopin o que julgou ser o Ser brasileiro...

Volta de imediato a S. Paulo, dá-se conta que nenhum mendigo afinal o persegue. Pelo contrário, está rico... Sai do Brasil, rumo à Europa, dedica-se friamente ao furto e ao engano, à modificação incessante de identidade.

Um único reparo a Mainardi: Pimenta Bueno não se ri, falta-lhe rir-se de si próprio, o que retira ao texto liberdade, radicalidade e o fixa à sátira e ele é mais do que isso. Por vezes dança, desvaira-se, é hilariante. Apeete perguntar ao autor, mimando a pose da sua personagem: "Conhece Spinoza? Conhece a sua 'Ética?'" É que a sátira é precisamente o que tem a ver com a impotência e a dor dos homens, é tudo o que se exprime no desprezo e na troça, tudo o que se alimenta de acusações, deprecia e estilhaça as almas a partir de uma ideia totalitária que subsume sub-repticiamente o múltiplo.

Pulp fiction

Mão Direita do Diabo

Dennis Mc Shade
Assírio & Alvim, €14,

★★★★☆



Dennis McShade é um engenhoso pseudónimo de Dinis Machado, que em 1967/68 se estreou com três romances breves e acutilantes: "Mão Direita do Diabo", "Requiem

para D. Quixote" e "Mulher e Arma com Guitarra Espanhola". Foi o inventivo Roussado Pinto, da Ibis, quem desafiou o jornalista a escrever "pulp fiction" portuguesa, e a ideia funcionou. A escrita "de género" era rentável e além disso permitia uma certa liberdade estilística e de linguagem. E eis como Machado treinou aquele registo coloquial que depois deu "O Que Diz Molero", fenómeno editorial de 1977.

Os três romances, agora republicados, têm como protagonista Peter Maynard (homemagem ao "Pierre Ménard" de Jorge Luis Borges). Em "Mão Direita do Diabo", Maynard, um assassino profissional, é contratado pelo pai de uma rapariga que foi violada e se suicidou. O milionário paga uma boa maquia para que Maynard elimine os culpados. Três deles são devidamente despachados, mas as dificuldades em encontrar o quarto homem revelam um mundo de segredos e trações.

Maynard é misterioso, taciturno e solitário. Um profissional implacável e secretamente romântico, como convém. Mas tem uma faceta muito atípica: é bibliófilo que cita autores improváveis como Rilke e Ionesco e



As cenas e ambientes americanos criados por Dennis McShade (pseudónimo de Dinis Machado) funcionam como "pastiches" das novelas policiais de Hammet e Chandler

que está sempre a um passo daquilo a que chama os daqueles "malditos monólogos maynardianos". Essa voz "off" combina o pessimismo dos filmes negros e as divagações existencialistas: "Surpresa, Maynard, surpresa? O homem que se surpreende não é adulto. Cada vez que damos um passo temos de pôr o pé em qualquer coisa, elemento sólido ou líquido, ou vácuo. Seja o que for, está certo, porque se não estivesse certo não seria. Isso de tu te precipitares porque não esperas o vácuo, é uma ingenuidade" (pág. 140). Maynard não bebe álcool mas leite, porque tem uma úlcera. Uma úlcera que também é, diz ele, "um estado de espírito".

A angústia existe, mas o que mais conta aqui é o desembaraço e o entretenimento tenso: "Bem, Maynard, façam o que fizeres, tens de o fazer depressa e bem. O amigo Collins deve ter ligado a morte de Bolero à de Hernandez e percebeu que estava incluído na lista. O velho Douglas deve ter falado antes de morrer e Collins carregou no botão: o alvo é Maynard. É de supor, e de supor muito bem, com toda a perspicácia, Maynard, com toda a perspicácia de que és capaz, estar Nick Collins ligado ao Sindicato de Frisco. A visita de Eddie Piano a Nova Iorque ainda não trazia água no bico. Foi depois, Maynard, quando Collins soube da morte de Hernandez, que a caça começou a ser orientada. Talvez procurem também Cassino, mas não querem a vida de Cassino para nada. Não vale um tostão. Querem a tua, Maynard, homem de dedo no gatilho" (pág. 71).

As cenas e ambientes americanos funcionam como "pastiches" das novelas policiais de Hammet e Chandler: mulheres fáceis em bares fumarentos, reuniões de mafiosos, corrupção geral, ajustes de contas. A escrita faz-se de muitos verbos, muitíssimos diálogos e descrições

sucintas. As personagens são definidas com um gesto ou um tique de linguagem. Maynard avança "cosido com as sombras da noite" e uma mulher mais ou menos fatal tem "olhos de chá morno". A gestão dos tempos é cinematográfica, com uma cena de tiro que parece quase coreografada. E a velocidade narrativa depende de pistas falsas e episódios recapitulados.

O literato Maynard transforma as suas dúvidas em obsessões, e as suas interrogações éticas em decepções cínicas. No entanto, convém não levar demasiado a sério essas digressões metafísicas e culturalistas. McShade escreveu "novelas policiais americanas" que se queriam quase iguais às novelas policiais americanas. A aposta resultou. Machado ganhou vinte contos. E Molero nasceu.

Natural born killers

Fio Solto

Dennis Cooper
(Tradução Duarte Sousa Tavares)
Bico de Pena

★★★★☆



"O Fio Solto" fala das histórias, estreitamente ligadas, de Larry, Pete, Jude, Rand, Gilman, Jim, Will, Tran: nomes vulgares de jovens adultos, com vidas desprovidas de sentido,

rapazes e raparigas com a cabeça vazia e gelo no lugar do coração. São personagens habituais que habitam a América profunda, alienada, perdida e sombria, onde não há nada para fazer, não existem perspectivas, ideias - muito menos, ideais - rumos ou interesses. São,



Dennis Cooper

todos eles, seres ociosos, patéticos e bastante estúpidos.

No início do livro de Dennis Cooper - mais um, como diz a contracapa, sobre "adolescentes gay negligenciados" - Larry prepara-se para matar um rapaz com tendências masoquistas que mantém um diário onde, supostamente, anota tudo sobre a vida dos que o rodeiam. O "serviço" foi encomendado por Gilman, um neonazi cujos heróis são Eric Harris e Dyland Klebold, os assassinos de Columbine. Larry, o narrador, é mais talhado para a empreitada, uma vez que já matou um amigo, Rand, "que estava na merda por causa da droga e queria vender (lhe) o carro". (Como o próprio adianta, tratou-se de "um acidente", apenas um murro dado com demasiada força. Mas ficou para o currículo). Pelo que se percebe, o tal rapaz é torturado, morto e incinerado na lareira de uma cabana, Pete e Larry decidem guardar o diário e Jude, uma rapariga com quem todos andam enrolados, participa em todas estas cenas com um certo empenho mas sem grande convicção. Quando vão dar conta do recado a Gilman, este chama Larry de lado e diz-lhe que o próximo trabalho é matar Pete, o que lhe suscita alguma dúvida porque, nas

palavras do próprio, "não sabe se gosta dele". (Este "gostar" é, obviamente, em termos estritamente "carnais"). Enquanto pensa no assunto, encontram-se com Jude e têm uma conversa sobre quem é gay, bissexual ou hetero, quem vê quem a ter sexo, com quem, e por aí fora, ao ritmo de uma forte "pedrada", o que provoca sonolência ao leitor que é acicatado, logo de seguida, com a descrição de mais um dia na escola que todos frequentam: Pete aparece bêbado, ninguém dá pela falta do rapaz assassinado, Gilman dá uma pistola a Larry, o voyeurismo nos balneários masculinos é a maior excitação do dia e, para completar a desgraça, o pai de Larry tem cancro e a mãe é alcoólica, o que não justifica - ou justificará? - o facto de a sua grande preocupação ser a de não chegar à conclusão se é gay (ou não). Com esta obsessão na cabeça, ele é uma bomba relógio ambulante à solta, um rapaz perturbado e cruel que lê livros de fantasmas para se acalmar, que pretensamente se debate com sentimentos de culpa - pouco credíveis, tendo em vista a sua incapacidade para "sentir" - e que, cada vez que encontra alguém, é para o espancar, ou sodomizar, ou violar, ou matar, ou tudo junto de uma só vez. São-lhe recitados mas antidepressivos e antipsicóticos mas é claro que tudo está sempre a piorar. (Nestas situações o caminho é sempre a descer). A violação sistemática do irmão de 13 anos e a leitura do caderno do rapaz assassinado são algumas das contribuições para o seu estado de instabilidade: por alguma razão a sua frase favorita é "estou confuso"...

A narrativa avança até ao massacre final mas, apesar da linguagem sincopada e cadenciada que poderia indicar capacidades de escrita do autor para além das que mostra aqui, a acção não suscita grande interesse, deixando uma sensação de "déjà vu". ("lu"). O autor, Dennis Cooper, é um californiano que já escreveu vários livros (um ciclo de cinco) sobre as vidas de adolescentes, e cuja obra inscreve na categoria de "literatura gay". Em "Fio Solto", obra que afirma ter querido narrar "como se estivesse dentro da cabeça do narrador", recia o ambiente das escolas e de cidades em que os adultos há muito se demitiram das suas funções - como pais, educadores, médicos, conselheiros, etc. - e os mais novos seguem cada um o seu caminho de autodestruição. Nada de novo, principalmente numa América que oscila demencialmente entre uma ideia de liberdade total e uma repressão puritana. Mas parece um pouco despropósito o facto de a confusão (normal nos adolescentes) em relação à própria sexualidade seja a razão para tanto descontrolo e que a homossexualidade seja a "causa" de acções como as que são descritas neste livro.

Helena Vasconcelos